

Elementos culturais do espaço urbano de Goiás: fonte de conhecimentos para o ensino de geografia

Cultural elements of urban space of Goiás: source of knowledge for teaching geography

Elementos culturales del espacio urbano de Goiás: fuente de conocimiento para la enseñanza de geografía

Dominga Correia Pedroso Moraes
Universidade Estadual de Goiás – UnU de Goiás
mingamoraes@hotmail.com

Resumo

Entende-se que a produção do espaço é uma construção humana, histórica e geográfica, com características próprias das sociedades que viveram e vivem imprimindo suas marcas nas construções, nas ruas, nos monumentos, nas festas, nos modos de vida cotidiano de uma cidade que é Patrimônio Histórico Cultural da Humanidade. O Patrimônio Histórico, os elementos culturais presentes nas paisagens e nos lugares do centro histórico de Goiás são fonte de conhecimento, a partir do qual a Geografia pode desenvolver projetos educativos visando a formação para a cidadania de crianças e jovens da cidade.

Palavras-chave: Cultura, Ensino, Geografia, Escola.

Resumen

Significa que la producción de espacio es una construcción humana, histórica y geográfica, con características de las sociedades que han vivido y viven la impresión de sus marcas en edificios, calles, monumentos, en las fiestas, en la vida cotidiana, una ciudad que es Patrimonio Cultural de la humanidad. El patrimonio histórico, los elementos culturales presentes en paisajes y en los lugares del centro histórico de Goiás son una fuente de conocimiento, de que la geografía puede desarrollar proyectos educativos dirigidos a la formación para la ciudadanía de los niños y jóvenes de la ciudad.

Palabras clave: Cultura, Enseñanza, Geografía, Escuela.

Abstract

This work treats of the young citizens' social representations on the urban space that constitutes the historical center of Goiás. He/she/you understands each other that the production of that space is a construction human, historical and geographical, with own characteristics of the societies that lived and they are always printing your marks in the constructions, in the streets, in the monuments, in the parties, in the daily life manners, of a city that is Cultural Historical Patrimony of the Humanity. The Historical Patrimony, the present cultural elements in the landscapes and in the places of the historical center of Goiás healthy knowledge source starting from which the Geography can develop educational projects seeking the formation for the children's citizenship and young of the city.

Keywords: Culture, Teaching, Geography, School.

Introdução

No espaço do centro histórico da cidade de Goiás são encontrados elementos sociais, culturais e arquitetônicos que expressam a forma de organização, os modos de vida, de trabalho e as concepções de mundo das pessoas que construíram e constroem, através das relações cotidianas nesse espaço.

Tem-se na paisagem histórica de Goiás, casas, prédios, ruas, pontes, museus e acervos, artes, festas, culinária, enfim, fazeres e saberes que são referências para a compreensão da espacialidade da cidade.

O conhecimento inerente a cada um desses elementos revela informações de como a sociedade tem encontrado soluções para sobreviver, para progredir e transformar a realidade. Esse conhecimento da trajetória de vida dos antepassados de Goiás permite compreender que as gerações do passado e do presente são agentes de produção do espaço e, por isso, são capazes de projetar um futuro melhor.

É a partir desse entendimento, que o presente artigo, que é parte da Dissertação de Mestrado de Dominga Corrêa Pedroso de Moraes, defendida em Goiânia, no Instituto de Estudos Sócio Ambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG), apresenta a leitura de alguns dos elementos do Patrimônio Histórico

Cultural da cidade de Goiás e sugere ações de como o ensino de Geografia pode trabalhar esses elementos com alunos do ensino fundamental e médio.

Elementos culturais do espaço urbano da cidade de Goiás

As contribuições da Geografia Cultural dos autores: Corrêa (1999), Claval (1999), Maia (1999), Haesbaert (1994), Rosendahl (1999b) e Cosgrove (1999), fundamentam a leitura de elementos do centro histórico da cidade de Goiás que podem ser alvos de ações para se trabalhar a formação cultural do cidadão nas aulas de Geografia.

Para Claval (1999), a diversidade cultural está cada vez mais ligada à heterogeneidade dos sistemas de representação e de valores que permitem às pessoas identificarem-se individual e coletivamente e cada vez menos ligada a conteúdos materiais. Cada pessoa evolui culturalmente de forma particular em interação com a família, com os amigos, com a escola. Dessas interações brotam coletivos culturais com identidades próprias de cada lugar. Nesse sentido, a cultura é um universo diversificado, infinito e em evolução constante.

As experiências das pessoas são limitadas no tempo e no espaço e realizam-se, em sua maioria, na escala do cotidiano. Mas esses limites são vencidos pelas sucessivas gerações, pelas profissões diversas e pelas técnicas que as pessoas usam para se comunicarem. É por isso que a cultura está em constante evolução.

A cultura está diretamente relacionado com os componentes do universo “de representações, de conhecimentos, de atitudes, de princípios” que construímos. Para Claval (1999, p. 67), o universo cultural pode ser ordenado de três maneiras. A primeira refere-se às condições ambientais. Nas suas palavras:

[...] Os conhecimentos e técnicas ambientais abrangem tudo o que permite a cada um se localizar no mundo, de reconhecer nele ambientes ricos e ambientes pobres, ambientes estáveis e inseguros, e de colocar em ação os meios indispensáveis para se deslocar, se proteger, se nutrir e construir um arsenal de utensílios e de máquinas que explicitam as realidades que nos envolvem.

“Os códigos de comunicação” disponíveis no ambiente, que a pessoa coloca em ação, permite-lhe compreender as formas de organização social e a interação individual e coletiva no processo dinâmico e constante das relações sócio-culturais. Dessa forma, os códigos de comunicação constituem, a segunda forma de ordenação da cultura.

Os valores que as pessoas atribuem aos elementos constituintes do espaço é a terceira forma de ordenação da cultura. Esses valores integram os dois primeiros componentes e definem as “opções ambientais ou sociais apreciadas” por uma pessoa ou grupo de pessoas. Neste sentido, para os homens se dotam de perspectivas “para comparar o mundo, tal como ele é, com aquilo que poderia ser, para orientar sua ação e para dar um sentido à sua existência” (CLAVALL, 1999, 68).

Cada uma dessas maneiras de manifestação da cultura é construída a partir de informações histórico espaciais que permitem a comunicação, a aproximação, a diferença entre pessoas, assim como a constituição e união de grupos.

A partir desse contexto, apresenta-se, a seguir, a leitura de elementos do centro histórico da cidade de Goiás. Selecionou-se para essa apresentação quatro lugares que revelam aspectos da produção espacial vilaboense, sem ter a pretensão de esgotar a riqueza e a heterogeneidade cultural dos lugares analisados.

Praça Castelo Branco (Praça do Coreto) também conhecida como Largo¹, a praça situa-se no *core* do centro histórico da cidade². É um lugar da cidade onde acontecem eventos festivos e onde a sociedade vilaboense reúne-se cotidianamente.

Na Praça do Coreto destacam-se aspectos da cultura da cidade. Ruas com calçamento de pedras irregulares, casas construídas com parede-meia. Nas construções do entorno da praça: Palácio Conde dos Arcos, casarões, sobrados, Igreja da Boa Morte, elementos culturais como o uso de técnicas de construção usando a taipa-de-pilão, o tijolo cozido, o piso de tábua, de mezanela³ ou de lajes de pedras podem ser percebidos. Esses elementos revelam o conhecimento de técnicas de construção dos antepassados e

¹ “Espaço público correspondente à praça, que aparece na malha urbana como alargamento da via”. (Coelho, 1999).

² A praça fica no centro do centro histórico da cidade.

³ Taipa-de-pilão é um sistema de construção em que as paredes são construídas de barro socado. Mezanela é um tijolo de barro cozido, utilizado como revestimento para piso. (Coelho, 1999).

a maneira de viver da sociedade vilaboense em tempos diversos. A Praça expressa e participa da cultura da cidade, da vida das pessoas que vivem em Goiás. Por isso, constitui elemento cultural da paisagem histórica da cidade.

A diversidade de elementos culturais que existe no ambiente da Praça permite identificar o antigo e o novo, o uso de técnicas rudimentares e sofisticadas de construção.

O fato de existirem construções modernas ao lado de casas e prédios coloniais mostra características da paisagem histórica com elementos culturais de tempos diversos.

Outro componente da cultura vilaboense, presente na Praça do Coreto, são “os códigos de comunicação”, eles constituem elementos culturais e manifestam-se na forma de linguagem falada ou escrita, na forma de imagens visuais ou de sinais. Isso pode ser observado em diferentes situações: nas placas das paredes externas das casas, indicando que nelas viveram personalidades que têm referência na história da cidade; nas imagens artesanais de elementos vilaboenses expostos nas janelas da casa de artesanato; na fala de pessoas que chegam no Coreto e dizem: “quero um picolé de cajuzinho”, “quero um sorvete de fruta da terra”; na fala de vendedores que passam com tabuleiro gritando: “olha a flor de coco”.

Ainda pode-se destacar na praça outro componente da cultura apontado por Claval (1999), que é “a esfera de valores”. Cada elemento da praça: prédios, casas, ruas, objetos artesanais, monumentos, é cultural porque está impregnado de valores individuais e/ou coletivos para os moradores e para os visitantes. Esses valores são atribuídos pelas pessoas e são inerentes à história de vida de cada um e à referência histórico espacial de cada elemento. Ou seja, a relação pessoal ou coletiva da(s) pessoa(s) com um objeto ou conjunto de objetos e o ponto de vista que ele é observado é que determina a escala e a heterogeneidade dos valores que lhes são atribuídos.

O valor cultural que a praça tem está relacionado ao contexto histórico da cidade e à vida das pessoas que a constroem e a vivem cotidianamente. Estas pessoas, ao mesmo tempo, participam da vida cotidiana no espaço da praça, e são envolvidos pelos elementos constituintes desse espaço, que lhes proporcionam conhecimentos, cultura, prazer.

A Casa de Cora Coralina, segundo elemento de análise, é um lugar que constitui forte representação da cidade. Ela é uma das imagens selecionadas para divulgar o Patrimônio Histórico Cultural vilaboense. Nesse lugar os elementos culturais podem ser identificados em todos os cômodos: nos objetos, nos registros, nos utensílios, nas técnicas de construção, enfim, em toda a casa.

A Casa de Cora é uma autêntica representação do casario residencial colonial da cidade. Uma arquitetura simples que revela o conhecimento de técnicas de construção de gerações passadas. De acordo com Coelho (1999, p. 67), a casa foi construída:

Com estrutura de madeira e paredes elaboradas em adobe e pau-a-pique⁴, toda ela sob alicerces de pedra, criando com isso uma muralha de contenção para as águas do Rio Vermelho. O piso apresenta uma variedade de soluções que vai desde o tabuado corrido até a mezaneta, o tijolo queimado e lajes de pedra de grandes dimensões.

Essas técnicas usadas na edificação da casa constituem elementos culturais e, quase todos, podem ser percebidos através da observação direta.

Além das técnicas de construção, constituem elementos culturais, na Casa de Cora, os “códigos de comunicação”. Esses fazem-se presentes em todos os ambientes da casa: os livros de Cora, os seus manuscritos, os seus objetos pessoais, os móveis, os utensílios que usava para fazer doces, os títulos e honrarias que recebeu, as fotos, a biografia da poetisa, enfim, a maneira de viver de Cora Coralina lida nos elementos que contam sua vida pessoal, de escritora, de uma vilaboense que tornou-se conhecida e reconhecida através da poesia que escreveu.

Outros códigos de comunicação que constituem elementos da cultura na Casa de Cora Coralina é o acervo com as imagens de fotos e as linguagens escritas que remontam a história da casa, as reformas que ali foram realizadas. As técnicas de construção originais são visíveis nas fotografias.

Os códigos de comunicação, na Casa de Cora, constituem cultura porque traduzem a história, a vida e a obra de uma personalidade da literatura vilaboense, goiana e brasileira.

⁴ Denominação para paredes elaboradas a partir de treliças de madeira com os vazios preenchidos com argila. (Coelho, 1999).

A esfera de valores manifesta-se, na Casa da poetisa, através dos significados que as pessoas atribuem aos conhecimentos, às técnicas e aos códigos de comunicação ali existentes. São esses que possibilitam a apreciação, pelos moradores e pelos turistas, dos aspectos do cotidiano vividos na casa, das histórias e coisas da terra vilaboense, da vida cotidiana simples e autêntica que Cora transformava, com criatividade, em versos e histórias registradas em suas obras.

A escala de relações, de interações e de informações acontece de maneira diferente para cada pessoa ou grupo de pessoas. Dessa forma, os valores culturais atribuídos à Casa de Cora Coralina, a partir da sua apreciação, são heterogêneos.

O Chafariz de Cauda, terceiro elemento analisado, é um monumento de rara beleza na paisagem do centro da cidade de Goiás. Sua exposição a céu aberto facilita as possibilidades de leitura dos aspectos culturais inerentes à sua materialidade, historicidade, espacialidade e à função social que desempenhou para a população da cidade.

A construção desse monumento revela o conhecimento de técnicas de construção do século XVIII. Estruturado em alvenaria de pedras, usou-se a pedra-sabão para detalhes de acabamento e para a construção dos dutos originais que canalizavam a água para servir à população. Esse monumento revela, também, a expressão artista, estilo rococó⁵, usada nos pináculos que decoram o topo das pilastras de sustentação e o frontão superior.

Com relação aos códigos de comunicação, o que chama a atenção é um escudo trabalhado em pedra-sabão, nele está registrado o nome do governador e do ouvidor geral da Província de Goiás responsáveis pelo mandato de construção da obra.

Os valores culturais atribuídos ao Chafariz de Cauda podem variar de acordo com os elementos que revelam o conhecimento, a técnica e a criatividade usada em sua edificação no século XVIII, assim como ao seu papel histórico social de abastecedor de águas à população e aos animais da região sul da cidade por quase dois séculos⁶.

⁵ Estilo artístico surgido no século XVIII, adotado principalmente na decoração de interiores de igrejas.

⁶ O serviço de abastecimento de água encanada para as residências só começou em 1949.

O Palácio Conde dos Arcos, último elemento aqui analisado, é um dos lugares de destaque da Praça do Coreto, prédio de arquitetura simples, construído para abrigar os governadores da Capitania de Goiás, o Palácio Conde dos Arcos é a expressão concreta de um ambiente onde viveu uma parcela da elite vilaboense. Hoje funciona como espaço cultural e é exposto à visitação pública.

De acordo com Coelho (1999, p. 50), em relação à construção original, o prédio do Palácio já foi bastante descaracterizado. “Em função das várias reformas ocorridas, constata-se, no edifício, o uso de técnicas e materiais construtivos que vão desde a taipa-de-pilão até o tijolo cozido, com proporções que denunciam uma fabricação muito antiga”.

Mesmo descaracterizado, o prédio revela elementos culturais relacionados ao uso de técnicas de construção do período colonial comuns aos demais prédios construídos, na cidade, nessa época.

O jardim do palácio também permite leitura de aspectos culturais, como conhecimentos, técnicas e artes usadas na sua construção. É um espaço amplo, composto por três níveis de solo, piso de mezaneta, onde realizavam-se festas e saraus para a elite vilaboense.

O acervo do palácio é impregnado de cultura: o mobiliário varia do estilo rústico ao Luiz XV, do século XVIII ao XX (a maioria é da época da mudança da capital), de um simples gabinete com uma mesa e uma poltrona a um luxuoso jogo de copa para refeições; objetos de uso íntimo como escarradeira, urinol, bacia para lavar o rosto são relíquias em porcelana; baixela de jantar de porcelana alemã também é uma das relíquias do acervo. Esse acervo revela modos de vida, técnica, arte e criatividade de outros tempos, por isso, constituem cultura.

O Palácio é um espaço rico em elementos que comunicam ideias, manifestações artísticas, a vida cotidiana íntima, social e administrativa dos governantes que nele moraram. Estes podem ser lidos nos objetos, nas pinturas, nas fotos que registraram momentos importantes da política e da organização espacial do estado⁷, nas fotos dos governadores que residiram no palácio, nos painéis que informam dados

⁷ Como a foto que registrou o momento da assinatura, por Pedro Ludovico Teixeira, do Decreto da Mudança da capital para Goiânia em 1933.

históricos, enfim, em todos os ambientes das alas residencial e administrativa existem elementos que comunicam realidades vividas no palácio.

No Palácio, inerente aos elementos materiais, está o valor político social que ele representa na história vilaboense e goiana. Decisões que envolveram a política, a economia, a organização do espaço, a vida das pessoas, foram pensadas e tomadas nos seus ambientes internos. Nesse sentido, ele representa, também, o espaço do poder político-administrativo da história de Goiás, do período colonial à mudança da capital.

Assim, o Palácio Conde dos Arcos é um lugar do centro histórico de Goiás, onde pode-se ler uma diversidade de elementos culturais que revelam aspectos da história e dos modos de vida da cidade de Goiás.

Apresentou-se a Praça do Coreto, a Casa de Cora Coralina, o Chafariz de Cauda e o Palácio Conde dos Arcos como exemplos de leitura de elementos culturais, mas em outros lugares do centro histórico de Goiás pode-se ler e apreender aspectos da produção do espaço que revelam a diversidade cultural de diferentes períodos da história de Goiás: objetos, instrumentos, utensílios domésticos, equipamentos de trabalho, vestimentas, objetos de culto, enfim, obras do passado. Pode-se ler, também, o processo dinâmico da cultura, da cultura viva que se manifesta na paisagem.

Para Corrêa (1999), interpretação de textos sobre paisagens e lugares através da música, da literatura, da pintura, permite apreender manifestações da cultura no espaço e são temas sugestivos para pesquisas geográficas. Em Goiás, através da produção de artistas da terra, pode-se ler elementos da diversidade cultural da cidade. Também os doces e os pratos da culinária local são ricos para apreender cultura.

As festas religiosas vilaboenses, que acontecem em locais sagrados, fixos ou móveis, também são fontes para apreensão de aspectos culturais, pois elas constituem manifestações vivas da cultura na paisagem. Dentre outras cita-se as festas católicas de Nossa Senhora de Santana e Nossa Senhora da Abadia, cujos santuários sagrados são a Matriz de Santana e a Igreja de Nossa Senhora da Abadia. Esses santuários têm em sua essência histórico-cultural heranças do movimento missionário do século XVIII nas regiões das minas. Segundo Rosendahl (1999a, p. 35), os santuários surgidos nesse período “representam uma tentativa popular de valorização da fé, em oposição aos

males trazidos pelo ouro [...] que produziu luxo e poder para uns, e miséria e opressão para outros”.

As celebrações na Semana Santa em Goiás constituem uma manifestação religiosa tradicional, com atribuição de valores simbólicos expressivos.

As atividades religiosas imprimem no espaço transformações que estão fortemente relacionadas com os aspectos culturais da comunidade, de tal modo que o espaço pode ser percebido de acordo com valores simbólicos ali representados. (ROSENDAHL, 1999 b, p. 236).

156

As festas religiosas, de acordo com Maia (1999) e Corrêa (1999), constituem, para a Geografia, uma fonte de pesquisa para se desvendar as suas diversidades, formas, funções, territorialidades, interações, redes e espacialidades, permitindo estudos comparativos entre festas rurais e urbanas, locais, regionais, nacionais, ou entre espaços sagrados e profanos.

Na cidade de Goiás essa fonte é rica, manifesta-se, por exemplo, com a Folia do Divino Espírito Santo, que tem mais de 170 anos na cidade e atrai devotos de todas as idades. Também, com a Procissão do Fogaréu, cerimônia de destaque da Semana Santa na cidade de Goiás.

Acredita-se que essa diversidade cultural do Patrimônio Histórico de Goiás, além de constituir fonte de pesquisa para a Geografia e outras áreas científicas, é, principalmente, uma fonte de conhecimentos para se trabalhar a formação cultural do cidadão. Por isso, será apresentado no próximo item possibilidades de a Geografia contribuir para que, crianças e jovens conheçam, formem valores, usufruam e preservem os elementos culturais da cidade.

Ensino de Geografia e ações educativas com elementos culturais da cidade

O Patrimônio Histórico de Goiás é uma fonte concreta de conhecimentos, os quais podem ser objeto de estudo para trabalhar a formação cultural do cidadão, especialmente dos estudantes moradores da cidade que tem com ela relações cotidianas diversas.

Como o ensino de Geografia pode contribuir para a formação da cidadania dos estudantes do ensino fundamental e ensino médio?

A Geografia é uma disciplina que tem perspectiva espacial e pode contribuir para a formação cultural do cidadão. Como parte do currículo escolar, ela tem a tarefa de desenvolver nos alunos a visão crítica do espaço, para que esses aprendam a pensar a realidade e a estabelecer relações entre fatos e fenômenos da escala local à global.

O professor de Geografia, para desenvolver a formação cultural dos alunos, deve, em primeiro lugar, ter conhecimento profundo da sua disciplina, das categorias de análise geográficas, da relação interdisciplinar da Geografia com outras ciências (Castro, 2001). Sobre os conhecimentos básicos que o professor de Geografia deve ter, Kaercher (2001, p. 73) é bem claro. Para ele, são tarefas do professor de Geografia:

Dominar o conhecimento geográfico a ser ensinado, dominar o método de construção da geografia, ter o conhecimento de documentos e linguagens aplicados à apreensão do conhecimento geográfico, trabalhar com a questão das escalas, fazer leitura analítica do espaço geográfico, trabalhar na busca da interdisciplinaridade.

O domínio dessas tarefas, aliado a conhecimentos psicopedagógicos do processo ensino-aprendizagem, possibilita ao professor condições de levar o aluno a pensar os espaços da cidade de Goiás e questionar por que eles são como são. Quem os produziu e produz? Como vivem os seres humanos nesses espaços? Como é a apropriação dos frutos do trabalho pelos vilaboenses? Quem tem direito e quem usufrui a terra, o trabalho, a educação a cultura?

Enfim, problematizar o espaço da cidade para que os alunos busquem respostas, reflitam sobre elas e percebam que o espaço é a sociedade. Ou seja, a sociedade vilaboense constrói o espaço a partir do movimento social nas relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza nos diferentes tempos históricos.

De acordo com Sacristan (2000), numa visão da escola como agência socializadora e educadora, o desenvolvimento do aluno e sua relação com a sociedade são princípios básicos para se desenvolver projetos educativos. Mais importante que os conteúdos, a experiência do aluno é que deve apoiar a concepção de currículo. Mas o autor aponta que desenvolver projetos a partir da experiência dos estudantes esbarra na dificuldade que a escola tem de conectar experiências vividas e integrá-las aos conhecimentos e à cultura elaborada. Isso exigiria:

[...] aproximar matérias de estudos às aplicações sociais possíveis do conhecimento. Valorização da cultura, relacioná-la a aplicações sociais continuam sendo ainda hoje desafios para aperfeiçoar esquemas e ofertar fórmulas de currículo de acordo com elas”. (aplicações sociais). (SACRISTAN, 2000, p. 42-43).

Desafios que podem ser enfrentados com atividades planejadas, dirigidas, tendo o cotidiano como objeto de conhecimento. Essas atividades, de acordo com Libâneo (1996), são um caminho para investigar a realidade e desenvolver as habilidades de “pensar e aprender” nos alunos. Para esse autor, o trabalho com o cotidiano possibilita ainda, através das experiências vividas, interligar a aprendizagem do saber comum à aprendizagem do saber científico. “A busca do cotidiano é importante para, a partir do experiencial, se ascender ao científico, ou seja, trata-se de interligar o processo experiencial ao processo de aquisição do saber científico”. (LIBÂNEO, 1996, p. 218).

Neste sentido, não existem receitas, mas a Geografia deve enfrentar o desafio de integrar nos seus projetos educacionais o estudo do cotidiano. Pode-se começar pelo estudo da paisagem vivida, com a qual os alunos tem experiências concretas de vida.

A paisagem é uma manifestação visível do espaço, revela a estrutura da sociedade em épocas diversas. Mas ela, também, guarda elementos “invisíveis” que podem ser revelados através da leitura de sua essência. É necessário levar o estudante a perceber e buscar explicações não apenas no que os sentidos captam, mas, também, no que não está visível, não está aparente na paisagem. Nas palavras de Castro (2001, p. 44), no estudo da paisagem, “[...] o conhecimento deve atingir outros níveis, por exemplo épocas históricas, ação do estado, das empresas. Deve-se ter consciência de que as formas de espaço são os resultados da articulação entre o local e o mundo”.

A essência da paisagem do centro histórico de Goiás permite leituras para apreender a diversidade cultural, os conhecimentos, as técnicas, os modos de vida, as relações cotidianas das sociedades em diferentes escalas de tempo. Permite, também, que as pessoas atribuam valores a esses elementos.

A paisagem do centro histórico, mais que testemunho da produção do espaço urbano, é uma expressão do presente, um registro das possibilidades que os diversos seguimentos sociais têm para conhecer, apropriar, valorizar e divulgar a cultura

e os bens que materializam e documentam a história da sociedade vilaboense. O Patrimônio revela a identidade individual e coletiva, a história e a cultura específicas de Goiás e está intimamente relacionada com experiências da vida de cada pessoa ou grupo de pessoas.

Assim, é fundamental levar o aluno a dialogar com o espaço vivido, com o centro histórico de Goiás, com paisagens e lugares desse espaço para descobrir aspectos que identifiquem com a sua história, com a história da sua família, dos seus amigos.

A identidade do aluno com o espaço vivido é revelada pela sua afetividade e pelo seu imaginário. O que poderá, na perspectiva da conquista do lugar como conquista da cidadania, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (PCNs), “ajudar o aluno a pensar a construção do espaço geográfico não somente como resultado de forças econômicas e materiais, mas também, pela força desse imaginário” (BRASIL, 1998, p. 59).

Os PCNs de Geografia foram analisados por geógrafos como Cacete (1999), Oliveira (1999), Pontuschka (1999), Spósito (1999) e Magnoni Júnior (2001). Eles apontam críticas à filosofia, à ideologia, às correntes de pensamento, à pedagogia e à teoria expressas nesse documento do Ministério de Educação e Cultura (MEC). Essas críticas são relevantes no sentido de que denunciam que os professores não participaram da elaboração dos PCNs. Mas acredita-se que as sugestões dos PCNs para se trabalhar a conquista da cidadania através da conquista do lugar vivido são pontos positivos. Na proposta os professores podem desenvolver projetos com o objetivo de promover a cidadania.

A cidadania como possibilidade de permanência e de integração no lugar de origem ou de destino; o lugar como experiência vivida dos homens com o território e as paisagens; o imaginário e as representações da vida cotidiana: o significado das coisas e dos lugares unindo e separando pessoas; a cidadania como consciência de pertencer e interagir e sentir-se integrado com as pessoas e os lugares”. (BRASIL, 1998, p. 59-60).

Essas sugestões são indicadas também por autores como Almeida (1998), Araldi (2000), Libâneo (1998), Reffatti (2000), Suertegaray (2000), Arroyo (1996) e Cadau (1996), que enfatizam o estudo da realidade cotidiana como possibilidade de promover a formação do cidadão a partir da descoberta de valores do lugar, da paisagem, do ambiente de vida dos alunos. Os valores que o lugar vivido representa

para o estudante, o sentimento dele de pertencer, de integrar o lugar vivido, é ponto de partida para se trabalhar a identificação da cultura local, o seu consumo, a sua defesa e a sua preservação.

O desenvolvimento de atividades para o aluno reviver a memória da família na cidade, identificar suas marcas na paisagem, reconhecer os símbolos do patrimônio histórico que se identificam com a história da sua família e da família dos seus colegas, mapear a distribuição e organização espacial das famílias, leva o estudante a descobrir identidades, adquirir consciência cultural e, conseqüentemente, aprender cidadania.

O acesso à memória da família, aos símbolos familiares, à memória da sociedade vilaboense, aos usos e costumes das pessoas, levam ao reconhecimento e definição de valores e significados pessoais e coletivos. É um direito do cidadão esse acesso, para que ele possa descobrir, refletir, criticar e participar da vida da coletividade. Esse direito, de acordo com Rodrigues (2001, p. 23), é parte integrante dos Direitos Humanos.

Todo homem tem direito ao respeito aos testemunhos autênticos que expressam sua identidade cultural no conjunto da grande família humana; tem direito a conhecer seu patrimônio e dos outros; tem direito a uma boa utilização do patrimônio; tem direito de participar das decisões que afetam o patrimônio e os valores culturais nele representados; e tem direito de se associar para a defesa e pela valorização do patrimônio.

Conhecer o seu patrimônio e o patrimônio de outros lugares é conhecer um aspecto de si mesmo e do outro no conjunto da cultura.

A consciência de pertencimento, de identidade com um grupo, uma comunidade, uma cidade, reflete-se na forma de conceber o patrimônio cultural, no modo de apropriar-se dele, de mantê-lo e de integrá-lo à vida social.

Assim, o patrimônio cultural de Goiás demanda para a Geografia o desafio de desenvolver projetos educacionais para a formação do cidadão. Projetos que envolvam a memória, o conhecimento, a apropriação, o uso e o equilíbrio entre patrimônio cultural e desenvolvimento social.

Projetos educativos que integrem a caracterização da dinâmica da produção espacial da cidade; a análise e distribuição dos atrativos patrimoniais; os locais de visitação pública. E principalmente, projetos que integrem o patrimônio histórico da

cidade como fonte de conhecimento para entender a produção e organização do espaço, com o objetivo de promover a formação para a cidadania.

A dinâmica urbana, para Cavalcanti (1999), condiciona e produz a vida cotidiana dos cidadãos na cidade e pode orientar a organização de temas de estudo da cidade na escola. Para essa autora, temas como: Cidadão e o habitar da/na cidade; Cidadão e o consumo na/da cidade; Cidadão e os ambientes urbanos são referências para a Geografia relacionar cidade, cidadania e ensino, no sentido de promover a formação do cidadão para viver na cidade.

Outro tema proposto pela autora é “Cidadão e os lugares da cidade”. A escola, ao desenvolver o estudo desse tema, deve ter claro que ele direciona para o direito do cidadão de viver, de circular, de consumir, de usufruir, dos lugares da cidade.

A relação dos alunos, moradores de Goiás, com o espaço do Patrimônio Histórico pode ser entendida como uma relação cotidiana com os lugares desse espaço, uma relação de familiaridade, de identidade, uma relação ativa, participativa do cidadão com o lugar e vice-versa.

A Geografia pode desenvolver a formação dessa consciência através de estudos que levem à percepção, pelos alunos, da realidade espacial do centro histórico de Goiás. Uma das maneiras de se fazer esse estudo pode ser através de projetos permanentes na escola, como por exemplo, “Uma leitura do Patrimônio Histórico de Goiás”. Esse projeto deve envolver várias disciplinas como: geografia, Língua Portuguesa, História, Artes. Numa primeira etapa, a partir do estudo dos conceitos de espaço e de paisagem pela Geografia, pode-se levar os alunos a observarem o espaço do centro histórico. Uma observação planejada, problematizada, que leve os alunos a perceberem: como as casas e prédios foram construídos? Quais os detalhes coloniais mais evidentes nas fachadas desses prédios? Quais os prédios de maior destaque? Como é a organização da vida cotidiana nos lugares do centro histórico? Como as pessoas, visitantes e moradores relacionam-se com a paisagem histórica? Como são as ruas, o traçado delas, para onde convergem?

A partir dessa etapa, os alunos podem mapear, elaborar maquetes do centro histórico, destacando em cada rua, em cada praça, os elementos mais evidentes da paisagem. Podem descrever o que observaram da relação das pessoas com o centro

histórico. Aqui a Geografia deve desenvolver com os alunos o estudo do conceito de território, de territórios públicos e privados, observando apropriações constantes e temporárias no espaço do centro histórico.

A segunda etapa propõe um estudo dos conceitos de natureza e de lugar e da relação desses com o espaço e a paisagem. Em seguida, propõe-se um estudo detalhado de lugares do centro histórico: as ruas, os museus, os monumentos. Uma busca histórica do papel social, da importância histórico cultural que cada lugar desempenhou e desempenha na dinâmica urbana. Nessa etapa faz-se um estudo dos aspectos culturais de cada lugar do centro histórico, seguindo a teoria de Claval (1999), de ordenação da cultura no espaço: ambiente, códigos de comunicação e valores. Aqui, busca-se através de entrevistas com pessoas idosas, de análise de fotografias e de documentos, a memória das famílias dos alunos, a maneira de viver dos antepassados que ainda faz-se presente no dia-a-dia dos jovens e a relação de cada família com a produção do espaço vilaboense.

Numa terceira etapa, pesquisa-se os eventos e as festas populares e religiosas mais tradicionais da cidade, a origem, a organização, a dinamicidade, as formas e as espacialidades desses acontecimentos. Busca-se a relação da juventude com essas festas, o que cada uma representa na vida individual e das famílias dos alunos. Nessa etapa, uma pesquisa das lendas, histórias, causos, poesias, canções da cidade é importante para revelar a relação de cada um com as festas e acontecimentos da cidade.

O desenvolvimento desse projeto pode levar os alunos a conhecer, valorizar, usufruir e preservar o centro histórico de Goiás.

Outra sugestão de projeto permanente para alunos da cidade de Goiás, que a Geografia pode desenvolver junto com outras disciplinas, é a formação para a juventude participar dos eventos, como o FICA e a Semana de Artes, a Semana de Gastronomia, de forma organizada e dirigida pela escola.

Esses eventos são acontecimentos na cidade de Goiás caracterizados por extensas programações culturais para o público em geral, como: exibição de filmes, espetáculos de teatro e dança, apresentação de orquestras sinfônicas, exposições artísticas, lançamentos de livros, shows musicais. São programações que visam

apresentar e divulgar a cultura e arte, mostrar a experiência e o fazer artístico. Porém, há a necessidade de preparar os alunos para prestigiar e receptionar essas programações.

Faz-se um estudo dos conceitos geográficos de espaço, território, paisagem, assim como do conceito de cultura dentro das disciplinas envolvidas no projeto. De acordo com Melo Neto (2001), a partir desse estudo, de posse do calendário de atividades do evento, a escola pode desenvolver atividades (palestras, leitura e análise de textos, de filmes e de vídeos) de como o jovem usufruir das programações de maneira a unir diversão, lazer, entretenimento, com apreciação cultural. Ou seja, a escola pode assim ensinar a juventude a pensar sobre a arte, sobre o fazer artístico, sobre a liberdade de expressão. A escola pode ensinar os alunos a conhecer e valorizar a arte, associando cultura e ensino com o objetivo de promover o acesso do cidadão aos bens culturais que acontecem na cidade.

Trata-se de ações educativas direcionadas para os alunos:

- * interagir com a programação cultural do evento;
- * sensibilizar para a participação e apreciação dos acontecimentos;
- * familiarizar com os artistas: atores, cantores, músicos, dançarinos;
- * criar afeto e cumplicidade com a cultura;
- * perceber-se cidadão.

Acredita-se que projetos permanentes da escola, direcionados à formação da juventude para usufruir das programações culturais dos eventos na cidade, são importantes porque ampliam o conhecimento cultural do jovem e ele poderá reverter essa aprendizagem para situações de uso e de preservação do Patrimônio Histórico Cultural de Goiás.

Considerações finais

Considera-se que a perspectiva de formação da cidadania é o caminho para atividades políticas que envolvam a sociedade em projetos de educação cultural. Nesta direção, dentre as instituições que podem desenvolver a formação para a cidadania, a escola tem o papel de promover a educação voltada para a formação cultural do

cidadão. E a Geografia, por ser diretamente relacionada com a espacialidade da sociedade, tem a possibilidade de direcionar projetos educacionais, voltados para a formação da cidadania de estudantes.

Os tombamentos, as restaurações, as legislações de proteção aos bens culturais de Goiás são indispensáveis à proteção e conservação desses bens. Mas não garantem a difusão do conhecimento inerente a cada um deles. Já o desenvolvimento de projetos educativos específicos podem socializar os conhecimentos e promover a compreensão, a apreensão de significados, a valorização e a preservação dos elementos que revelam a história, os modos de vida e a organização do espaço pelas sociedades.

Elementos particulares que caracterizam a cidade de Goiás são os testemunhos da dinâmica de sua produção espacial: o conjunto arquitetônico, os museus e acervos, as ruas, os monumentos, as igrejas, as festas populares e religiosas, os eventos oficiais, os pratos típicos, os encontros nas praças e ruas, as relações pessoais próximas, a valorização de elementos culturais, enfim, os fazeres e saberes que conferem à cidade e aos seus moradores identidade. Todos esses elementos manifestam-se no dia a dia das pessoas, configurando a heterogeneidade histórico-cultural que o espaço do centro histórico abarca. O que singulariza cada lugar, cada paisagem desse espaço, são os modos de vida do passado e do presente nele desenvolvidos.

Explorar as articulações entre cidadania e cultura, focalizando experiências vividas pelos estudantes com o espaço são formas de descobrir identidades e valores.

Referências

ALMEIDA, Rosângela Doinde. **Perspectivas da Geografia Escolar no Brasil**. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Anais... Águas de Lindóia, 1998.

ARALDI, Adriana Rosinha. Construção do conhecimento através da interdisciplinaridade. In: REGO, Nelson e SUERTEGARAY, Dirce (Orgs) **Geografia e Educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

ARROYO, Miguel. **Prática Pedagógica e Currículo**. Anais ENDIP. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. (ENDIPE). Anais... Florianópolis, 1996. p. 165-172.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CACETE, Núria Hanglei. A AGB, os PCNs e os professores. In: CARLOS, Ana Fani A e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Orgs) **Reformas no Mundo da Educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CANDAU, Vera M. **Pluralismo Cultural, cotidiano escolar e formação de professores**. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Anais... Florianópolis, 1996. p. 295-302.

CASTRO, João Alves de. **Sociedade, Cidadania e Geografia**. In: VII Encontro Regional de Geografia (EREGEO). Anais... Quirinópolis: UEG, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar: elementos de geografia para o estudo do espaço urbano**. Texto preliminar para a pesquisa: “O tema da cidade no ensino de Geografia em escolas de ensino fundamental de Goiânia”. Goiânia, 1999.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: O Estudo da Arte. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

COELHO, Gustavo Neiva. **Guia dos bens imóveis tombados em Goiás**. Goiânia: Instituto de Arquitetos do Brasil, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs) **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro : Eduerj, 1999.

COSGROVE, Denis. Mundos de significados: Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto L. E ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) **Geografia Cultural: um século** (2). Rio de Janeiro : Eduerj, 1999.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto L. (Orgs) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1994.

KAERCHER, Nestor André. Iconoclastia constante na (de)formação de professores de Geografia. In: ZEN, M^a. Isabel H. Dalla e SOUZA, Nádia S. S. (Orgs). **Práticas de Ensino na UFRGS: narrando pedagogias**. Porto Alegre, RG : UFRGS, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Algumas abordagens contemporâneas de temas da educação e repercussão na didática**. Anais ENDIP. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Florianópolis, SC, 1996.

_____. **As mudanças na sociedade, a reconfiguração da profissão de professor e a emergência de novos temas na Didática**. Anais ENDIP. Águas de Lindóia, Sp. V1/1, 1998. p 52-66

MAGNONI JÚNIOR, Lourenço. A contribuição do ensino da Geografia cidadã de Milton Santos para compreensão das transformações em curso no mundo contemporâneo. Revista **Ciência Geográfica**. Ano VII, nº 19, maio/ag/2001, p. 22-31

MAIA, Carlos E. S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das festas populares. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

MELO NETO, Francisco Paulo. Evento: de ação, de entreterimento a agente de promoção do Patrimônio Histórico Cultural. In: FUNARI, Pedro Paulo e PINSK, Jaime (Orgs). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. Geografia e ensino: os Parâmetros Curriculares Nacionais em discussão. In: CARLOS, Ana Fani A e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Orgs) **Reformas no Mundo da Educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo : Contexto, 1999.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Parâmetros Curriculares Nacionais: Tensão entre Estado e escola. In: CARLOS, Ana Fani A e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Orgs) **Reformas no Mundo da Educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo : Contexto, 1999.

REFFATTI, Luciana Vizzotto. Representações de mundo: iniciando um trabalho psicopedagógico em interface com uma geografia fenomenológica. In: REGO, Nelson e SUERTEGARAY, Dirce (Orgs). **Geografia e Educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: Ed. da UFRS, 2000.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo e PINSK, Jaime (Orgs). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. **Herópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a.

_____. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999b.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. (Capítulo I).

SPÓSITO, Maria Encarnação B. Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Geografia: pontos e contrapontos para uma análise. In: CARLOS, Ana Fani A e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (Orgs) **Reformas no Mundo da Educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo : Contexto, 1999.

SUERTEGARAY, Dirce M^a Antunes. O que ensinar em Geografia (Física)? In: REGO, Nelson et ali. **Geografia e Educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

Recebido para publicação em setembro de 2012
Aprovado para publicação em novembro de 2012